

Iguais aos Enfeites de Uma “Árvore de Natal”

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

Mais alguns dias a primavera se finda e o tempo, ainda, se mostra instável. Num repente o céu escureceu e, sob seu manto cinza pesado, a chuva, o vento e os trovões iniciaram uma sinfonia tempestuosa forçando as árvores a uma descompassada coreografia, somente amainada, minutos depois, quando cessada a tormenta, que carregou consigo a energia elétrica ao troco de folhas e galhos esparramados pelo chão, um *blackout* que durou 24 horas justas a partir das dezessete horas.

E assim começamos dezembro! – disse para mim mesmo armando-me de velas e luminárias. *Mais alguns dias e teremos o Natal* – continuei ao observar minha mulher já preocupada com os enfeites de época, rodeada pelos cães aqui de casa (apenas sete) que não a largam. *O ano passou rápido!* – pensei servindo-me de uma dose de uísque e pondo a cara para fora, haurindo o frescor do ar que, após o aguaceiro, apresentava um leve cheiro de terra úmida misturado ao de folhas verdes, raízes e frutos silvestres – um tanto cítrico exagerando um pouco –, que em pessoas de temperamento saudosista como o meu induzem rememorações. E como as boas recordações geram saudades, não as reprimo, nem as escondo, narro-as, como sempre o fiz e o farei agora, não omitindo, em alguns momentos, a hilaridade ou a seriedade de certos aspectos.

Lembro da casa dos meus pais quando eu era criança, adolescente e moço mal ingresso na maturidade. O Natal tinha “cheiro”, um cheiro doce, perfumador de uma atmosfera peculiar.

Logo no primeiro dia do mês de dezembro minha mãe se punha a montar Árvore e Presépio, uma tradição de família também presente na casa dos meus avós paternos e de toda a parentela, época em que a minha avó materna – italiana do norte da península – não fugindo ao costume, já se preocupava em fazer os seus tradicionais “panetones”, uns “pães doces” de massa macia após a devida fermentação, bem recheados com uvas passas e frutas cristalizadas picadas, normalmente assados dois dias antes da festividade em latas cilíndricas,

muito assemelhados aos atuais, que exalavam aromas quando do cozimento e eram saboreados, invariavelmente, com manteiga e café com leite.

Árvore e Presépio. Eram montados na sala de jantar sobre um “tajer provençal”, e ponho-me a rir quando lembro do cenário porque ele foi sendo montado, ao longo dos anos, com peças adquiridas em avulso ou ganhas conforme o costume* e as possibilidades.

Uma casinha de madeira, com telhado de palha, feita pelo meu pai e adornada com uma “estrela-cometa” (também feita por ele), abrigava a “manjedoura”; dentro desse simulacro de estábulo acomodavam-se, em tamanhos desiguais, as imagens de São José e Nossa Senhora, bem como a do Anjo Gabriel (sempre posicionado atrás e entre o casal sagrado), acompanhados por uma vaca e um burrinho que em nada se assemelhavam a animais adultos; um bercinho, também feito de palha, ocupava o centro desse painel, permanecendo vazio até a vigésima quarta hora do dia 24, momento que, pelas mãos da minha mãe em oração, era trazido à luz e nele colocado o Menino Jesus, nada parecido com uma criança recém-nascida, e sim com um moleque já quase batendo nos ombros da genitora em estatura.

Do lado de fora, formando um cortejo em fila, vinham os Magos Gaspar, Melchior e Baltazar, ladeados por suas respectivas montarias que, em tamanho, assemelhavam-se a filhotes de dromedários; no entorno, representando atividades diversas, pastores e outras gentes misturados com galinhas, pintinhos, carneiros, cães, patos e gatos se faziam presentes, e, num cantinho privilegiado do estábulo, todo rompante, um “galo índio”, bem brasileiro, se destacava na multidão icônica**.

Complementando o visual, uma Árvore de Natal, não muito grande, salpicada com mechas de algodão simbolizando flocos de neve e pisca-piscas, ladeava o Presépio carregada de enfeites sugestivos e penduricalhos vários, que vibravam uma alegria sem igual, e todo esse aparato era desmontado no dia sete de janeiro do ano seguinte após o “Dia de Reis”.

Tratava-se, como se trata, de um costume antigo, uma tradição sadia, quase esquecida, somente presente, hoje em dia, nalgumas famílias, onde o sentimento de religiosidade e festividade nostálgicos ainda não sofreu a contaminação descolorida dos dias atuais em que prevalecem a rapidez

comunicativa, os desencontros informativos, as falsas notícias e o ilusionismo midiático público e privado. Tanto é verdadeira essa situação que, até mesmo na pequenina cidade onde atualmente resido, incrustada em poucos quilômetros quadrados na Serra da Mantiqueira, o tradicional “Presépio Mecanizado”, verdadeira mini cidade artesanal, que era montado e permanecia exposto na Praça da Matriz o mês de dezembro todo para encanto dos moradores e turistas, cedeu o seu lugar para um outro comum, sem atrativos, pífio, meramente simbólico e sem vida.

No entanto, *somos o que somos*; é quando percebo ainda existir e viver, dentro de mim, o velho “Presépio” da minha infância, adolescência e mocidade, bem como as alegrias daqueles momentos todos, ao saborear um pedaço de “panetone”, macio e úmido, recheado com passas e frutas cristalizadas iguais aos enfeites de uma “Árvore de Natal”, sentindo o seu aroma.

Envolto nessas recordações, dirijo-me até o meu escritório sorrindo, portando um lume para clarear o caminho, e do interior de um armário retiro, lá hibernando por quase um ano, o “Natalino”, um pequeno urso de palha vestido com roupas de “Papai Noel”, fiel representante de todo o meu sentir naquele momento, que acomodo num pequeno aparador da sala de estar imaginando-me por ele abraçado.

Admiro-o durante alguns segundos. Ajeito-o uma ou duas vezes no móvel. Ilumino o meu pulso e olho o relógio. Passa das dezoito horas. Saio para ver o céu. É início de uma nova noite, noite sem luar que, mesmo assim, me sorri estrelada, acariciando-me com o seu frescor, como muitas e muitas outras, antes, assim o fizeram.

É quando antecipo o desejo de um “Feliz Natal” para todos, e recolho-me.

*Décadas atrás era de hábito entre familiares e conhecidos mais chegados, visitarem-se para a troca de votos de “Boas Festas”, sendo um costume, por parte dos visitantes, depositarem um pequeno óbolo no Presépio (normalmente moedas) como símbolo do desejo de “prosperidade” para a família, cujo montante acumulado, no ano seguinte, prestava-se a compra de um pequeno acréscimo aos enfeites natalinos.

**Não há como não rir! Se bem me recordo, no Presépio montado na casa da minha tia, irmã mais velha do meu pai, até uma pequena “sereia”, toda espichada, havia sobre um pedaço de espelho representativo de um lago, cujos encantos eram admirados por um “chinês pescador” sorridente.

